

ESTÁGIOS DE VIVÊNCIA: música, dança e resistência na perspectiva da educação para as relações étnico-raciais

Mical de Melo Marcelino¹
Anderson Pereira Portuguese²

Resumo

O presente artigo apresenta os resultados da terceira edição de uma experiência bem-sucedida de formação continuada de educadores antirracistas, empreendida pelo Instituto de Ciências Humanas do Pontal (Universidade Federal de Uberlândia) e o Ilê Àse Tobi Obatalá, comunidade candomblecista localizada na cidade de Ituiutaba, MG. Este projeto recebeu em 2024, pela segunda vez, o Prêmio "Paulo Freire" de Atividades Extensionistas da UFU. Teve como objetivo a realização de um estágio de vivência em terreiro de Candomblé/Umbanda (enquanto um dos microterritórios detentores de inúmeros saberes e fazeres relacionados às tradições afro-brasileiras) para professores das redes pública e privada de Ituiutaba e região, assim como alunos de cursos de Licenciatura. A interlocução no espaço sagrado foi realizada pelos membros da comunidade religiosa, que além de repassar conhecimentos, ofereceram alimentação (culinária tradicional afro-brasileira) e atividades lúdico-instrutivas. Como resultado, realizamos por meio do projeto um dia de vivência cultural que possibilitou a organização de duas oficinas em escolas de Ituiutaba. Publicações sobre a estratégia da vivência foram produzidas e mais de 100 docentes e estudantes de graduação puderam ser qualificados. Um evento de culminância foi realizado para socialização dos resultados, além de oferta de uma palestra e uma mesa redonda.

Palavras-chave: Formação Docente.. Educação. Racismo. Religiões Tradicionais de Matriz Africana.

EXPERIENTIAL INTERNSHIP: music, dance, and resistance in the context of education for ethnic-racial relations

Abstract

This article presents the outcomes of the third edition of a successful continuing education initiative for antiracist educators, developed through a partnership

¹ Doutora em Educação, licenciada em Letras, docente do curso de Pedagogia e do Programa de Pós Graduação em Educação Básica, do ICHPO-UFU, <http://lattes.cnpq.br/2523817942820098>, mical.marcelino@ufu.br <https://orcid.org/0009-0000-7514-0794>

² Doutor em Geografia, licenciado em Geografia e Ciências da Religião, docente do curso de Geografia do ICHPO-UFU, <http://lattes.cnpq.br/9670115478785130>, anderson.portuguez@ufu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5528-8641>

between the Institute of Human Sciences of Pontal (Federal University of Uberlândia) and Ilê Àse Tobi Obatalá, a Candomblé religious community located in the city of Ituiutaba, Minas Gerais, Brazil. In 2024, this project was awarded, for the second time, the "Paulo Freire" Prize for Extension Activities by UFU. The main objective was to carry out an immersive field experience within a Candomblé/Umbanda temple (understood as a microterritory of Afro-Brazilian ancestral knowledge and practices), targeting teachers from both public and private schools in Ituiutaba and surrounding areas, as well as students from teacher education programs. Mediation within the sacred space was conducted by members of the religious community, who, in addition to sharing their knowledge, also provided traditional Afro-Brazilian meals and culturally meaningful educational activities. As a result of the project, a day of cultural immersion was organized, leading to the development of two workshops in local schools. Academic publications regarding this experiential strategy were produced, and more than 100 educators and undergraduate students were reached through the program. A final public event was held to share the results, including a lecture and a roundtable discussion.

Keywords: Teacher Education; Continuing Education; Education; Racism; Traditional African Diaspora Religion

PRÁCTICAS DE VIVENCIA: música, danza y resistencia en la perspectiva de la educación para las relaciones étnico-raciales

Resumen

Este artículo presenta los resultados de la tercera edición de una experiencia exitosa de formación continua de educadores antirracistas, llevada a cabo por el Instituto de Ciencias Humanas del Pontal (Universidad Federal de Uberlândia) y el Ilê Àse Tobi Obatalá, comunidad de candomblé ubicada en la ciudad de Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil. En 2024, este proyecto recibió por segunda vez el Premio "Paulo Freire" de Actividades de Extensión otorgado por la UFU. El objetivo principal fue la realización de una práctica de vivencia en un terreiro de Candomblé/Umbanda (considerado como un microterritorio portador de múltiples saberes y prácticas vinculados a las tradiciones afrobrasileñas), dirigida a docentes de las redes pública y privada de Ituiutaba y región, así como a estudiantes de licenciatura. La mediación en el espacio sagrado fue realizada por miembros de la comunidad religiosa, quienes, además de compartir conocimientos, ofrecieron alimentación (gastronomía tradicional afrobrasileña) y actividades lúdico-formativas. Como resultado, se llevó a cabo una jornada de vivencia cultural que posibilitó la realización de dos talleres en escuelas de Ituiutaba. Se produjeron publicaciones académicas sobre la estrategia de vivencia y más de 100 docentes y estudiantes de grado fueron capacitados. Se realizó un evento de cierre para socializar los resultados, que incluyó una conferencia y una mesa redonda.

Palabras clave: Formación docente; Formación continua; Educación; Racismo; Religiones tradicionales de matriz africana.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta os resultados da terceira edição de uma experiência bem-sucedida de formação continuada de educadores antirracistas, empreendida por meio do Programa de Extensão Integração UFU/Comunidade - PEIC 2023, intitulado "*Ancestrais de Aruanda: resgate memorial das cantigas tradicionais de um terreiro de Umbanda de Ituiutaba, MG*", registrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia - Proexc/UFU (SIEX/PEIC/27304-2023). A ação extensionista foi proposta por professores dos cursos de Licenciatura em Pedagogia e Geografia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal - Universidade Federal de Uberlândia (ICHPO-UFU) em parceria com o Ilê Àse Tobi Obatalá, comunidade candomblecista localizada na cidade de Ituiutaba, MG.

Este projeto, atualmente em sua 4ª edição, recebeu em 2024, o "III Prêmio Paulo Freire" de Atividades Extensionistas da UFU. Trata-se da segunda premiação deste projeto pela Proexc/UFU, uma vez que em 2022 recebera o "I Prêmio Paulo Freire", alcançando projeção regional e estabelecendo as bases para sua transformação em um programa continuado de extensão.

A ação extensionista que ora apresentamos possui um antecedente. Resulta das atividades de estudos de um Grupo de Trabalho formado por professores dos cursos de Geografia e Pedagogia do ICHPO-UFU e Mestres de Saberes integrantes da comunidade de terreiro Ilê Àse Tobi Babá Obatalá, localizada em Ituiutaba, MG. O GT (registro SIEX nº. 19975/2019) foi montado na forma de um Projeto de Extensão intitulado "*Ancestrais de Aruanda: resgate memorial das cantigas tradicionais de um terreiro de Umbanda de Ituiutaba, MG*", já imaginando futuros desdobramentos em práticas de ensino, pesquisa e extensão da UFU. Deste trabalho, tivemos três desdobramentos:

- Publicação de uma obra que reuniu as letras mais antigas de cantigas cantadas nas giras de Umbanda no Triângulo Mineiro. Essa coletânea gerou, em 2019, o livro "*Minha Aruanda Canta: tambores, saberes e tradições musicais da Umbanda no Pontal do Triângulo Mineiro*".
- Montagem de um curso de formação (também na forma de Extensão) para que alguns Ogas do grupo de mestres de saberes pudessem se capacitar para incorporar os tradicionais clarins de fanfarra à orquestra sagrada da casa. Isso se deu por meio do Projeto "*Clarins e tambores: a*

orquestra sagrada das religiões tradicionais de matriz africana”, registro SIEX 27503/2022. O curso foi exitoso e atualmente a casa possui um dos dois grupos de clarinistas do Estado de Minas Gerais outorgados pelo grupo “Clarins da Bahia” como capacitados para atuar em casas de religiões tradicionais de matriz africana.

- Elaboração de um Projeto de Extensão que tivesse o livro “Minha Aruanda Canta” como base e que permitisse uma experiência de capacitação de professores por meio de um estágio vivência dentro do terreiro.

A ação teve como objetivo a realização de um estágio de vivência em terreiro de Candomblé/Umbanda (enquanto um dos microterritórios detentores de inúmeros saberes e fazeres relacionados às tradições afro-brasileiras) para professores das redes pública e privada de Ituiutaba e região, assim como alunos de cursos de Licenciatura. Em pesquisas realizadas na região do Pontal do Triângulo Mineiro pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura, Descolonialidade e Território (CNPq/UFU), a intolerância religiosa dos professores em relação às religiões tradicionais de matriz africana foi identificada como um dos pontos mais críticos que atrapalham a ampla implantação das ações educacionais no âmbito das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que alteraram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para tornar obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena em todas as escolas de educação básica do Brasil (redes públicas e privadas).

Como Ituiutaba é a cidade mais importante dessa região do Estado de Minas Gerais, os proponentes decidiram agir e criar a oportunidade de os professores e professoras conhecerem um terreiro de Umbanda/Candomblé de perto e nele terem um dia de vivência pedagógica, para que os docentes pudessem constatar que esses espaços e pessoas detêm um rico legado cultural africano e afro-brasileiro. Além de espaços religiosos, os terreiros são também lugares de resistência cultural e de um fazer social pautado em valores civilizatórios que foram vítimas do preconceito e da intolerância perpetradas ao longo da história do Brasil, sobretudo pelas elites cristãs do país.

A interlocução no espaço sagrado foi realizada pelos membros da comunidade religiosa, que além de repassar conhecimentos, ofereceram alimentação (culinária tradicional afro-brasileira) e atividades lúdico-instrutivas. A comunidade do Ilê Àse Tobi Babá Obatalá, parceira da UFU na realização da

vivência é um terreiro de Umbanda e Candomblé localizado entre os bairros Camilo Chaves e Residencial Cidade Jardim, ambos habitados predominantemente por famílias de classe média de Ituiutaba. Foi fundado em 2013 e possui aproximadamente 120 membros internos. Atende a toda a cidade de Ituiutaba e possui importância regional, com adeptos residentes em Uberlândia, Capinópolis, Uberaba, Goiânia (GO), São Paulo (SP), Vitória (ES) e Catalão (GO), que se deslocam para Ituiutaba para participarem das atividades da casa.

É, portanto, uma comunidade tradicional de matriz africana que já se projetou bem para além da cidade, sendo uma das mais importantes do Triângulo Mineiro. O terreiro possui uma série de projetos sociais: educação, meio ambiente, igualdade de gênero, direitos humanos, esportes etc. Por essa razão tornou-se parceiro das Universidades locais como UFU e UEMG em diversas atividades de pesquisa, ensino e extensão. Possui ainda parcerias com faculdades privadas do município, com a Prefeitura de Ituiutaba e com outras organizações públicas e privadas.

A experiência de 2023, apresentada neste artigo, teve como público alvo externo os professores da rede pública de Ituiutaba e região, estudantes e professores de licenciaturas de Instituições de Ensino Superior de Ituiutaba. Como se pode observar nas fotografias, foram oficialmente 101 participantes (ao todo), que puderam levar as discussões realizadas para o público externo (alunos das redes pública e privada de Ituiutaba e região e até mesmo para ambientes não escolares. O público atingido foi composto por professores da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos, gestores escolares, alunos de graduação da UFU, da UEMG e da UNOPAR (Polo Ituiutaba).

Os participantes que compuseram o público interno foram formados por estudantes das diversas licenciaturas da UFU, principalmente: Pedagogia, Geografia, Ciências Biológicas, História, Matemática, discentes do Bacharelado em Serviço Social também da UFU e mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal. Contamos ainda com professores da UFU que prestigiaram a ação, sendo eles dos cursos de Geografia, Química e Pedagogia.

O quadro 1, a seguir, apresenta o corpo de apoiadores institucionais do projeto, tanto os internos quanto os externos à UFU.

Quadro 1: Parcerias internas e externas do projeto

PARCEIROS INTERNOS DA UFU	PARCEIROS EXTERNOS À UFU
• Instituto de Ciências Humanas do Pontal. • Curso de Geografia - ICHPO-UFU. • Curso de Pedagogia - ICHPO-UFU. • Curso de História - ICHPO-UFU. • Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFU. • Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal. • Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura, Descolonialidade e Território (CNPq/UFU). • Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do Campus Pontal.	• Ilè Àse Tobi Obatalá. • Editora Barlavento. • Instituto Ganga Zumba de Minas Gerais. • Fundação Zumbi dos Palmares de Ituiutaba. • Superintendência Regional de Educação - Ituiutaba. • Secretaria Municipal de Educação, esporte e lazer de Ituiutaba. • Escolas de Ituiutaba e região. • Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba.

Fonte: Registro SIEX/PEIC/27304-2023.

O financiamento do projeto se deu por meio do Edital PEIC 140/UFU/PROEXC/2023. Tal apoio nos possibilitou a oferta de duas bolsas de extensão destinada a discentes do curso de Pedagogia, além da aquisição de lanche para os participantes. Aliás, convém esclarecer que oferecemos para os participantes uma mesa de lanche que ficou disponível todo o dia, para que pudessem se alimentar quando desejassem. Esta prática é típica das casas de axé: servir um farto café da manhã e depois manter uma mesa posta durante todo o dia com o que não foi consumido no desjejum. Assim, as pessoas podem se alimentar com fartura sempre que sentem fome. Segundo o Babá Kekeerè da casa ("Pai Pequeno"; segundo sacerdote) essa é uma prática comum das comunidades de terreiro.

Também contamos com o apoio estrutural do Ilè Àse Tobi Obatalá. Como a comunidade nos recebeu para uma ação de um dia inteiro, houve consumo de gás de cozinha, café, açúcar, água, energia elétrica. Esses gastos foram assumidos muito gentilmente pela instituição anfitriã.

METODOLOGIA

Para a elaboração e execução das ações pretendidas, partiu-se do conceito de sociointeratividade proposto por Vygotsky e dos pressupostos teóricos propostos por Paulo Freire. Realizamos de início uma revisão de literatura que nos permitisse maior aproximação com o universo da performance musical e de dança no Candomblé. A ideia que nos norteou foi a de um mergulho teórico, conceitual e de aprendizagem prática sobre a musicalidade sagrada, seus desdobramentos na música popular brasileira, assim como nas danças ancestrais e as expressões na cultura de massa.

Após estudar o tema desde o prisma da academia³, foi possível iniciar as tratativas com a comunidade de axé para a organização do estágio de vivência cultural. A ideia era trazer a comunidade do terreiro para uma posição de protagonismo em todas as etapas do projeto extensionista: planejamento das ações, realização das vivências culturais, acompanhamento das ações nas escolas, avaliação final e seminário de socialização dos resultados.

Para a etapa operacional da vivência, realizamos algumas ações que nos permitiram alcançar um desenho de oficina com bastante interatividade entre os docentes e graduandos e a comunidade receptora. As etapas mais relevantes foram as seguintes:

- Realização de rodas de conversa com todos/as os/as participantes para que possam relatar suas impressões, percepções sobre as vivências realizadas.
- Elaboração de dois projetos de intervenção pelos/as participantes, que foram implantados e implementados nas instituições em que atuam, com acompanhamento da equipe executora desse projeto;
- Produção de um artigo por um dos líderes de grupos sobre a experiência da intervenção.
- Realização de seminário de encerramento para a socialização de resultados com a comunidade acadêmica, escolar e dos grupos de tradição afro-brasileira.

Durante o seminário final de avaliação e encerramento da ação, alguns professores da rede pública de Educação Básica nos sugeriram uma ação

³ Como o autor e a autora são praticantes de religiões tradicionais de matriz africana, já possuíam conhecimentos práticos, mas sentiram a necessidade de aprofundar os conhecimentos teóricos sobre a música e a dança no Candomblé.

complementar. A proposta seria trazer para Ituiutaba alguém com quem pudessem dialogar sobre educação para as relações étnico-raciais em uma perspectiva afrocentrada. Surgiu daí a ideia de trazer a Professora Dra. Leonor Franco de Araújo, da Universidade Federal do Espírito Santo, para duas palestras em um evento intitulado "I Seminário Educação, Estudos Africanos e Descolonialidade".

Como a ação extensionista estava no final, optamos por abrir um novo registro para este seminário: SIEX 31881/2024. O seminário foi organizado em maio de 2024, para atender as necessidades dos professores das redes de Educação Básica. Como eles entraram de férias em dezembro de 2023 e só retornaram em fevereiro de 2024, decidimos fazer esta ação extra em maio, pois assim poderíamos celebrar juntos o dia 25 de maio, dia da África.

O evento ocorreu nos auditórios do Campus Pontal da UFU e contou com uma conferência, uma tarde de trabalhos no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura, Descolonialidade e Território e uma mesa redonda de encerramento.

Do ponto de vista teórico, a proposição dessa atividade de extensão e de formação docente se assentou sobre algumas premissas afrocentradas, no sentido de promover situações de aprendizagem que, ao mobilizarem a experiência, a integração, o corpo, a oralidade se tornam efetivas e significativas (Trindade, 2005; Rocha, 2011; Gonçalves, 2013). Assim, a opção por uma formação que privilegiasse a vivência e a reunião de pessoas de diversas formações e culturas encontra respaldo no que Oliveira (2003, p.89) nos lembra acerca dos modos de pensar das populações africanas: por analogia e participação. Dessa forma, tal ação buscou seguir os princípios da inclusão da complementaridade, da integração, do respeito às diversidades e diferenças.

Essa característica integradora faz com que as atividades que ora são relatadas possam ser classificadas, nos dizeres de Paulo Freire, como uma atividade de "comunicação". Para ele, diferente da extensão que seria algo unilateral, a comunicação se define por seu caráter dialógico e horizontal, em que todos os sujeitos têm papel ativo, a construção de conhecimentos é mútua e os conhecimentos e a experiência da comunidade são valorizados e integrados ao processo de formação. (Freire, 1983). Nessa perspectiva, o conhecimento se constrói impactando a todos os envolvidos.

Tais perspectivas orientaram as atividades de formação de professores e foi incentivado que cada grupo, ao pensar as intervenções a serem aplicadas no espaço escolar, também as considerassem como organizadoras de suas práticas pedagógicas.

Por fim, convém esclarecer que em todas as etapas do projeto buscamos elaborar registros fotográficos de cada momento, desde a concepção da ideia, contatos com a comunidade até a execução e evento final. Com isso, montamos um acervo fotográfico, robusto, com mais de 500 imagens que contam a história da ação, sempre com o cuidado de registrar cenas permitidas, que não firam o senso ético na pesquisa em Ciências Humanas.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Esta ação nos surpreendeu em relação à procura. Imaginávamos inicialmente que teríamos em torno de 40 participantes e o número de 101 inscritos foi para nós, uma surpresa mais que agradável. Isso reflete o sucesso da ação, uma vez que estamos atualmente em nossa quarta edição do Estágio de Vivência.

Considerando a resistência ainda observada entre os professores e graduandos de licenciatura, no que se refere a adentrar um terreiro de Umbanda e Candomblé, pode-se afirmar que a atividade extensionista produz um impacto importante para a transformação social, na medida em que coloca as pessoas de frente com seus preconceitos e as obriga a repensar seus olhares sobre as tradições negras. Superar os preconceitos religiosos e entender os terreiros como territórios de resistência política e cultural é um passo relevante para se pensar de fato em uma educação antirracista.

Inicialmente desejávamos realizar 6 intervenções em escolas. Realizamos duas, pois uma delas ganhou dimensões gigantescas e exigiu um esforço concentrado. Uma intervenção foi realizada em uma turma da Educação para Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal Manuel Alves Vilela. Nesta ocasião, o projeto impactou 2 professores e 10 alunos com idades entre 40 e 70 anos.

A intervenção de maior impacto numérico foi realizada na Escola Municipal Camilo Chaves Jr., onde atendemos 100 crianças com idades entre 3 e 5 anos e 6 professores, por período (matutino e vespertino). Para esta ação, considerada a maior que já realizamos até hoje, foi necessária uma preparação cuidadosa,

que envolveu o planejamento das aulas teóricas, produção de um alimento sagrado, apresentação dos Ogans e seus tambores, brincadeiras tradicionais afrocentradas e, obviamente, música e muita dança. Considera-se que as atividades realizadas nas duas escolas municipais são importantes passos na ampliação da discussão da cultura afro-brasileira (e, conseqüentemente, do cumprimento das Leis 10.639 e 11.645), na desconstrução de estereótipos acerca das religiosidades de matriz africana, contribuindo para a construção de uma educação antirracista em Ituiutaba.

Além do impacto em espaços escolares, verificou-se também um impacto bastante positivo no próprio terreiro que nos recebeu. Não é algo que se mensura em números por enquanto, mas julgamos ser um bom resultado de nossa ação extensionista. Foi gratificante observar como alguns fiéis passaram a verbalizar um possível desejo de se tornarem professores. Isso para nós foi muito gratificante. A escolarização no terreiro que nos recebeu é bastante elevada, mas mesmo assim, a carreira docente nem sempre é desejada pelas pessoas. Mas ao verem a ação extensionista, alguns fiéis nos relataram na avaliação final que “deu até vontade de estudar para ser professor”.

No que se refere ao nosso público-alvo, observamos um impacto bastante positivo na medida em que puderam observar que, com boa vontade, é possível realizar ações educativas de altíssima qualidade em ambientes escolares e que as culturas africana e afro-brasileira não precisam ser tratadas como tabus. Podem e devem ser abordadas com naturalidade e, no que se refere às religiões tradicionais de matriz africana, é importante desconstruir os discursos racistas de demonização da fé negra.

Com relação à abrangência formativa, pode-se afirmar que de maneira dialógica, todos os participantes - independente da categoria a que pertencem - tiveram contato com aspectos importantes para a formação profissional/técnica e/ou humana previstas pela ação extensionista. Elencamos:

- o contato com o terreiro, espaço sagrado das religiões tradicionais de matriz africana, no qual as relações de sociabilidade e solidariedade da comunidade local puderam ser compreendidas pelos graduandos e professores. Compreender este espaço como social e cultural é de vital importância para se entender a cultura afro-brasileira e, assim, superar preconceitos construídos historicamente e mantidos pelo racismo.

- a musicalidade sagrada mantida nos terreiros foi apresentada como importante traço cultural, dotado de grande complexidade e beleza. Os participantes puderam conhecer os mais de 20 ritmos musicais da Umbanda e do Candomblé e entenderam que os toques representam diferentes relações sociais: guerra, paz, fertilidade, fecundidade, maternidade, paternidade, ciclos das chuvas, vida e morte, terra, fogo, água, ar, espiritualidade etc. Aprenderam que cada instrumento tem seu nome e é tocado de maneira a compor uma orquestra de percussão harmônica e bem ensaiada. Aprenderam que a música traz em si a estética da reza, da exaltação de feitos nobres, da aclamação, da louvação etc. Aprenderam que a musicalidade, na tradição do candomblé, é um papel eminentemente masculino e que cabe aos Ogans, figuras que representam a paternidade coletiva da comunidade.
- a dança foi apresentada como parte de uma ritualística legada pelos ancestrais, mas também como forma de socialização e comunhão de valores civilizatórios. Aprenderam que no terreiro de candomblé, a dança ritualística é realizada por todas as pessoas, mas que a roda principal cabe às mulheres. Ou seja, mesmo que todos possam dançar, a apresentação pública de danças ancestrais traz o protagonismo para as iniciadas e para as ekejis (mães da comunidade). Ultimamente isso tem mudado muito Brasil afora e os homens também têm participado dos “xirês” (roda de brincar, de dançar). Porém, em Ituiutaba, a participação masculina é limitada, pois a casa mantém-se fiel às tradições antigas. Aprenderam que os passos de dança significam mensagens de luta e resistência à dominação colonial. São gestos que falam dos atributos, qualidades e da humanidade dos Orixás. Cada movimento tem seu significado, de forma que se comunica ao mesmo tempo em que se dança: pede-se filhos, pede-se prosperidade, pede-se vida e saúde etc. Exalta-se o sagrado em suas características.
- a musicalidade e as expressões corporais por ocasião das danças tratam dos valores civilizatórios afro-brasileiros em um território e em uma rotina em que eles são praticados cotidianamente. Assim, os participantes puderam compreender essas correlações;

- a ampliação da percepção acerca de uma cosmovisão afrocentrada da realidade, oportunizou a desmistificação de concepção preconceituosas e a reelaboração do olhar que se tem das comunidades de terreiros;
- a escuta e práticas de leitura compartilhada, como uma importante habilidade a ser desenvolvida nas escolas de educação básica. Junto a isso, acrescenta-se o fato de os participantes terem desenvolvido as habilidades de proposição e execução de intervenção pedagógica com temática afrocentrada (música e dança);
- discussão de possibilidades para o cumprimento efetivo das leis 10.639 e 11.645 de forma ampliada, transcendendo os limites dos espaços escolares e puderam pensar em formas de combate ao racismo e à intolerância religiosa.

Diálogos de saberes pressupõe que, de um lado, a Universidade se abrirá para absorver conhecimentos que não fazem parte de seu universo academicista e, de outro lado, que a comunidade religiosa se permitirá a uma experiência pedagógica e/ou científica, que mesmo não fazendo parte de sua cotidianidade, pode trazer-lhe conhecimentos novos e experiências de expansão de convivência institucional. Pressupõe que um saber não se oporá ao outro, uma forma de entender as coisas da vida e do mundo não se hierarquizará perante a outra. Diálogos de saberes produzem olhares que se entrecruzam sem a pretensão arrogante do convencimento, da conversão, ou da subjugação de uma forma de acumular conhecimentos em favor de outra. Pressupõe circularidade, ou seja, um movimento de ir e vir que enriquece a ambos os grupos que se relacionam dialogicamente. E para ter sucesso nesta empreitada, dançar e cantar juntos sempre é um bom começo. A vivência baseou-se em saberes eminentemente comunitários e, mais ainda, em metodologia de educação pautada nas tradições da circularidade africana.

As tradições orais do Candomblé e da Umbanda não possuem muito espaço fora de ambientes religiosos específicos, pois o racismo religioso ainda presente no Brasil reduz a riqueza cultural dessas formas de religiosidade a meros folclorismos. A demonização de práticas negras faz parte do processo epistemicida que nega e anula os conhecimentos culturais afrodescendentes presentes no nosso país. Daí a importância de projetos como esses, que traz para dentro da educação escolar e da universidade, pessoas e saberes marginalizados pelo preconceito racial, permitindo que eles (os umbandistas e

candomblecistas) possam se expressar e contribuir para a formação de educadores com mentalidade antirracista.

A atividade de extensão realizada foi considerada bem alinhada à Política de Extensão da Universidade, pois permitiu a aproximação de professores e alunos das licenciaturas não só com uma parcela incompreendida da sociedade, mas também de professores que já atuam no mercado de trabalho. Essa aproximação foi importante etapa na formação universal dos discentes e contribui para que a universidade cumpra seu papel de atender as demandas da sociedade onde se insere. Em termos mais específicos, reforça o papel social da UFU em melhorar o ambiente social e passa pelo seu compromisso em combater o racismo e incentivar a pluralidade cultural de nosso país.

Para a realização da ação abrimos edital de seleção para alunos bolsistas. Na ocasião tivemos a procura de duas candidatas à bolsa e de uma aluna interessada em ser voluntária. As três discentes foram efetivamente cadastradas no SIEX e puderam atuar em todas as etapas da ação extensionista. Foram atuantes nas seguintes atividades:

- Reuniões de planejamento da atividade junto à comunidade. Durante a reunião, propuseram algumas das atividades que efetivamente foram realizadas no dia da ação em campo;
- Participação ativa nas atividades de recepção dos participantes no espaço sagrado, além de se envolverem nas atividades de dança e música em si para também aprenderem sobre esses temas. O contato com a comunidade receptora foi para as estudantes uma importante oportunidade de entender as dinâmicas de um espaço ancestral, onde são produzidos saberes e fazeres distintos do mundo acadêmico e, assim, aprenderem a valorizar outras formas de produção de conhecimentos;
- Participação nas atividades de planejamento das duas intervenções realizadas nos espaços escolares. Tais atividades envolveram desde a elaboração das atividades até o auxílio na preparação de materiais, alimentos servidos nas ações e etc.
- Participação nas intervenções nas escolas.
- Participação nas atividades de avaliação das ações no seminário de encerramento da ação extensionista e no evento complementar realizado em maio de 2024.

- Publicação de resultados por bolsista e orientadora da experiência nos anais do evento VIII Congresso Étnico-Racial (Ituiutaba, 2023).

Destacamos ainda que os graduandos e graduandas da UFU que participaram da ação como inscritos puderam ver na prática uma comunidade que se organiza a partir de valores culturais ancestrais e saberes legados por culturas riquíssimas, mas que foram silenciadas pelo racismo e preconceito religioso existentes no Brasil. Demonstraram curiosidade e interesse em aprender.

Como decorrência do projeto Estágio de Vivência, ampliou-se a possibilidade de a Sociedade Cultural e Religiosa Ilé Asé Tobi Babá Obatalá/Editora Barlavento servir como campo do estágio obrigatório do curso de Pedagogia (Estágio Supervisionado IV), do ICHPO/UFU, no ano de 2024 e 2025. Surgiu ainda a possibilidade de Estágios não-obrigatórios para alunos do Curso de Geografia neste mesmo espaço e nesta editora, que pertence ao terreiro. Os estágios têm enfoques nas práticas pedagógicas em espaços não-escolares e podem ser realizados na instituição cedente e deverá promover às futuras pedagogas e docentes de Geografia, a experiência na organização de projetos de formação de professores, bem como na produção editorial de materiais de apoio ao trabalho docente - sendo ambas as ações voltadas para a educação para as relações étnico-raciais.

Do ponto de vista da ação em si, já elaboramos mais uma experiência de estágio de vivência para 2025, enfocando desta vez a linguagem e a memória linguística de origem africana como temas a serem trabalhados.

Como é de nosso interesse e de interesse da Instituição, é nossa intenção seguir oferecendo oportunidades de formação continuada naquela instituição.

Recentemente uma demanda nos foi gerada pelo corpo sacerdotal: incentivar as artes e a produção artística na casa. Assim, pretendemos trabalhar essa temática já a partir de 2026 dando especial enfoque para o teatro e para o artesanato.

UM DIA DE VIVÊNCIA CULTURAL

A vivência cultural iniciou-se às 8 horas da manhã, quando os professores e os filhos do Axé Obatalá se reuniram para iniciarem juntos uma jornada

construtiva de crescimento e estudos. Alguns dos professores são praticantes da Umbanda, mas outros nunca haviam entrado em um terreiro e a experiência mostrou-se rica e transformadora. Estereótipos foram superados e o conceito de racismo religioso pôde ser melhor explorado.

A musicalidade foi utilizada na recepção dos presentes. Ritmos tradicionais foram entoados dando as boas-vindas aos visitantes. Acomodados no salão, os professores e demais participantes da vivência puderam se apresentar e falar de suas expectativas. Acomodaram-se em bancos e em esteiras tradicionais em um grande círculo, reproduzindo um importante hábito dos terreiros, onde a circularidade é parte da cultura herdada de povos africanos.

Imagens 1 e 2 – Organização circular do espaço de formação



Fonte: Acervo do Projeto

Após a recepção, os visitantes foram conduzidos pelo sacerdote pelas dependências do terreiro, onde puderam conhecer o complexo templário e entender o sentido da organização do espaço sagrado. Aprenderam também sobre as práticas fitoterápicas tradicionais, ainda hoje mantidas nos terreiros. Encerrada a exploração do complexo templário, o café da manhã foi servido e aproveitou-se para falar um pouco sobre os protocolos de etiqueta próprios do terreiro, o que gerou muita diversão e curiosidade.

Imagens 3 e 4 – Tour pelo complexo templário e café da manhã



Fonte: Acervo do Projeto

Após o café da manhã todos se reuniram novamente no salão comunal do terreiro para serem apresentados à dinâmica da vivência e conhecer as referências bibliográficas necessárias à compreensão da temática que seria abordada. Em seguida, ocorreu a apresentação do ofício dos mestres de saberes: o Ogan Douglas de Xangô falou sobre a musicalidade sagrada, apresentou os instrumentos musicais, explicando seu papel durante as ritualísticas e como ferramentas de promoção da cultura afro-brasileira.

Imagem 5 – Fala do Ogan Douglas de Xangô aos participantes



Fonte: Acervo do Projeto

A etapa seguinte da vivência consistiu na leitura do livro “Minha Aruanda Canta”, escritos pelo Prof. Dr. Anderson Pereira Portuguese e o corpo de mestres do saber da comunidade receptora sobre a musicalidade sagrada das comunidades de axé. A obra foi disponibilizada em PDF para todos os participantes e, para encerrar as ações da manhã, ocorreu a palestra do Prof. Ms. João Paulo Miros Neves sobre expressão corporal e dança como formas de

resistência cultural e como ferramentas de luta antirracista. O tema foi por ele estudado em sua dissertação de mestrado (PPGEP/ICHPO/UFU, 2023). Os resultados foram publicados em um livro (Neves e Portuguesez, 2024), também disponibilizado em PDF para os participantes.

Imagens 6 e 7 – Participantes lendo as obras disponibilizadas e ouvindo o sacerdote



Fonte: Acervo do Projeto

Os participantes se alimentaram no próprio terreiro, que serviu um “baião-de-dois”, um prato típico da culinária nordestina, servido no terreiro nas festas em homenagens aos ancestrais Cangaceiros e Baianos. Os convidados puderam se alimentar do modo tradicional (no chão, comendo em grupos circulares) ou na forma mais moderna, com o uso da mesa.

Imagem 8 – Almoço preparado e servido pelos membros da comunidade parceira



Fonte: Acervo do Projeto

Após o almoço, os participantes foram apresentados de forma mais prática aos instrumentos musicais, aos ritmos sagrados e aos passos de dança que, em

seu conjunto, compõem a cultura musical e de dança das comunidades de terreiro. Além de poderem tocar, cantar e dançar, puderam ainda entender significado dos movimentos e como eles se referem ao mundo vivido, ao mundo sagrado e como representam resistência cultural.

Imagem 9 – Cursistas e membros da comunidade vivenciando ritmos e danças das comunidades de terreiro



Fonte: Acervo do Projeto

No turno vespertino, os participantes foram organizados em grupos de 3 ou 4 pessoas para pensarem ações de intervenção em uma ou mais escola(s), onde os conhecimentos adquiridos pudessem ser experienciados com estudantes da Educação Básica. Os grupos empenharam-se em discutir quais as possibilidades de uso pedagógico da musicalidade e da dança, quais estratégias de ensino poderiam ser utilizadas, com qual faixa etária, que disciplinas e/ou saberes escolares contribuíram na discussão dos mesmos, sempre privilegiando uma abordagem interdisciplinar do conhecimento. Surgiu daí a ação nas duas escolas selecionadas para a segunda etapa da ação.

Para finalizar, uma avaliação foi feita, momento em que cada participante pode expor de que forma a vivência o transformou.

Imagens 10 e 11 – Planejamento das intervenções pedagógicas e roda final de avaliação da atividade.



Fonte: Acervo do Projeto

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA MUNICIPAL CAMILO CHAVES JR

A Intervenção pedagógica na Escola teve início às 7 horas (turno matutino) e às 13 horas (turno vespertino) com a recepção das crianças e explicação das atividades da intervenção. Em seguida, ocorreu a apresentação das equipes de trabalho.

As crianças foram levadas para o auditório da Praça do Bairro Natal, onde toda a praça foi utilizada durante a ação. De início, no auditório, ocorreu a apresentação da cultura africana e falou-se sobre um conto da cultura Yorubá. Por meio das lendas africanas (itans), os alunos puderam entender o motivo pelo qual existem cultos ancestrais na África Ocidental e como a diáspora africana os trouxe para nosso país. Dessa forma, ficou mais fácil dar sentido à fé dos umbandistas e candomblecistas, ainda que se professe outra religião.

Imagens 12 – Recepção das crianças e apresentação da atividade no auditório da Praça do Bairro Natal



Fonte: Acervo do Projeto

Em seguida, os Ogans entraram em ação, apresentando os instrumentos sagrados, tocando-os e apresentando para as crianças alguns ritmos importantes para a celebração das festas sagradas da comunidade de terreiro. As crianças foram convidadas a interagir e as que aceitaram puderam dançar e experimentar os movimentos de dança que foram interpretados aos poucos para elas. As crianças que não quiseram participar tiveram sua vontade respeitada e apenas observaram a performance de seus colegas.

Imagens 13 e 14 – Apresentação dos Ogans e experimentação das danças e ritmos



Fonte: Acervo do Projeto

Após esse momento, as crianças foram divididas em 5 grupos e estes se revezaram em brincadeiras que incentivam os valores culturais afrocentrados (valorização dos mais velhos, respeito à hierarquia, senso de coletividade etc.). De volta à escola, as crianças receberam como lanche, para encerrar, uma típica comida de terreiro associada à memória ancestral de Yemonjá: o acaçá doce, feito com fubá de milho branco, açúcar, leite de coco e erva doce. Também se serviu pipoca, comida sagrada do Orixá Obaluaye, filho adotivo de Yemonjá.

Imagens 15 e 16 – Jogos e brincadeiras afrocentrados



Fonte: Acervo do Projeto

Do ponto de vista da formação docente, esta atividade favoreceu que a construção de conhecimento iniciado no Estágio de Vivência no terreiro se estendesse, já que para a sua realização, a equipe se reuniu algumas vezes para estudar os itans e outros conteúdos relativos à cultura afro-brasileira e planejar a sequência didática. A comunicação (nos termos de Paulo Freire) entre a comunidade de terreiro e a comunidade acadêmica também se manteve, pois a equipe de trabalho agrupou professores, estudantes e membros da comunidade, reafirmando também o princípio da integração. Além disso, os professores da escola parceira, que não participaram do encontro na casa de axé, puderam observar e participar de um trabalho com os conteúdos da cultura afro-brasileira em uma perspectiva comprometida com o antirracismo.

Do ponto de vista da intervenção pedagógica, por meio da compreensão e da contextualização de determinados gestos, atos, cantigas, coreografias, alimentos e jogos apresentados, as crianças tiveram a oportunidade de ter contato com uma abordagem oposta à demonização das práticas culturais afro-brasileiras. A alta adesão dos estudantes às rodas de dança (como se pode verificar nas imagens) e aos jogos e brincadeiras propostos nos levam a concluir que a intervenção foi bem-sucedida em seu objetivo de divulgar e elucidar as particularidades dessa cultura que nos constitui.

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA MUNICIPAL MANUEL ALVES VILELA

No caso da turma de EJA (Educação de Jovens e Adultos) da Escola Municipal Manuel Alves Vilela, as ações foram mais reduzidas e mais simples, pois a turma era bem pequena e o espaço disponibilizado foi a própria sala de aula. A intervenção contou com as seguintes etapas: Início às 19 horas e término às 20 horas e 30 minutos. Iniciamos com a recepção dos estudantes da EJA para a explicação das atividades da intervenção, bem como a apresentação da equipe de trabalho.

Os estudantes foram inicialmente organizados de forma circular. As estudantes do curso de Pedagogia responsáveis pela atividade começaram fazendo um relato de suas experiências no Estágio de Vivência e explanaram sobre os valores civilizatórios que puderam observar na organização da comunidade do Axé Obatalá, como a questão da circularidade, da coletividade,

da ancestralidade e do respeito aos mais velhos, da oralidade como forma de transmissão de conhecimento. Provocados, os estudantes da EJA começaram a apontar pontos de contato entre os valores de terreiro relatados e os valores que aprenderam nas suas infâncias: o aprendizado de “boca em boca”, do mais novo para o mais velho, a prática de pedir benção aos pais e avós, os trabalhos coletivos e em mutirão para benefício de uma família, mas também de toda a comunidade.

A partir dessa percepção, apresentou-se a origem desses valores e foi apresentada a Ramunha, ritmo que comumente abre as cerimônias de candomblé e cuja coreografia conta da história de sequestro dos povos africanos, de resistência, de preservação e continuidade da cosmovisão afrocentrada, praticando e difundindo seus valores na diáspora. Este momento foi importante para que os estudantes pudessem conhecer a cultura africana desde o prisma de seus guardiões.

Imagem 17– Estudantes ouvindo sobre a Ramunha



Fonte: Acervo do Projeto

Em seguida os Ogans entraram em ação, apresentando os instrumentos sagrados, tocando-os, e as integrantes da equipe de intervenção apresentaram para os estudantes detalhes da dança da Ramunha. Os estudantes foram convidados, e os que aceitaram puderam dançar e experimentar os movimentos de dança que foram interpretados para eles.

Imagem 18– Estudantes dançando a Ramunha com a equipe da intervenção



Fonte: Acervo do Projeto

Também nessa atividade, vale ressaltar a riqueza da comunicação e integração que se manteve pelo trabalho de uma equipe que reuniu duas professoras em formação inicial e membros da comunidade de terreiro parceira no projeto. Além disso, a atividade, de estrutura dialógica, teve importante impacto nas questões relacionadas a identidade dos estudantes, que passaram a reconhecer em suas práticas culturais a origem e os valores afrocentrados. Acreditamos que essa percepção seja fundamental para a assunção de uma posição de conhecimento e respeito às manifestações culturais afrobrasileiras, importante no combate ao preconceito, ao racismo e, em especial, ao racismo religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, considera-se que a ação extensionista relatada constitui-se como uma experiência formativa dialógica, em que saberes e valores populares e comunitários puderam ser tomados de modo a contribuir com as discussões relacionadas à educação antirracista, a necessidade de afrocentrar os debates escolares e à necessária contribuição da escola no combate ao racismo, ao preconceito e à intolerância religiosa.

Pensada inicialmente para os docentes da rede pública, a ação teve seu escopo ampliado quando recebeu também professores em formação e gestores escolares (que também tem papel importante na construção de uma educação para as relações étnico-raciais).

Em contrapartida, para os integrantes da comunidade religiosa que recebeu a ação, além do papel de protagonismo em demonstrar/falar sobre suas práticas culturais, houve a oportunidade de vivenciar momentos de leitura mais

sistemática, de comunicar aos docentes como gostariam de ver sua cultura abordada na escola e em outros espaços da sociedade.

Nesse sentido, o trabalho conjunto em todas as etapas do projeto – desde a recepção no terreiro até o planejamento e a execução das intervenções pedagógicas nas escolas – também se mostrou como um aspecto determinante no sucesso das intervenções. Em grupos menores, essas equipes efetivaram trocas ricas levando a um bom termo as noções de comunicação e integração de que tratamos e que serviram de princípio para a proposição do projeto.

Considera-se que a ação rendeu bons frutos, uma vez que o grupo já está preparado para uma segunda vivência, além de ter aberto portas para outros diálogos entre a Universidade, a comunidade de terreiro e a comunidade escolar e a possibilidade de comunicação desses resultados no âmbito acadêmico, com a produção de artigos sobre o tema.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GONÇALVES, Luciane. Ribeiro. Dias. Congada e a pedagogia iniciática: dois casos no município de Ituiutaba (MG). In: OLIVEIRA, Julvan Moreira (org) *Interfaces das africanidades em Educação nas Minas Gerais*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MARCELINO, Mical de Melo PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Religiosidade afro-brasileira, educação para as relações étnico-raciais e a formação docente na perspectiva da sociointeratividade.

Rev. Ed. Popular, Uberlândia, Edição Especial, p. 189-203, out. 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/66862>. Acessado em 12/07/2025.

NEVES, João Paulo Miros, PORTUGUEZ, Anderson Pereira. *O corpo negro e a dança como ato de resistência cultural da comunidade congadeira de Ituiutaba*. Ituiutaba: Barlavento, 2024.

OLIVEIRA, David Eduardo de. *Cosmovisão africana no Brasil – elementos para uma filosofia afrodescendente*. Fortaleza: LCR, 2003.

OLIVEIRA, Tauane Resende Luzia de; ALMEIDA, Maria dos Remédios. Educação para as relações étnico-raciais na EJA: os valores civilizatórios afro-brasileiros. 2023. *Anais*. VIII Congresso Étnico-Racial e XV Seminário de Educação para as R e Ações Afirmativas. Ituiutaba: NEABI-Pontal/Universidade Federal de Ubewrlândia, 7 - 10/nov. 2023, sp. Disponível em: <https://www.nepereneabipontal.com.br/atual-congressoetnicoracial-seminar>.

Acesso em 06 jan 2024.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira et. al. (org.). *Minha Aruanda Canta: tambores, saberes e tradições musicais da Umbanda no Pontal do Triângulo Mineiro*. Ituiutaba: Barlavento, 2019. Disponível em: <https://editorabarlavento.com.br/?s=minha+aruanda>. Acesso em 12 jul.2025

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Cultura popular e Extensão Universitária: tradições musicais afro-brasileiras e a formação de clarinistas para a composição da orquestra sagrada do Candomblé em Ituiutaba. In: *Educação: inquietações teóricas e experiências pedagógicas*. Ituiutaba: Barlavento, 2024, p. 418-443. Disponível em: <https://editorabarlavento.com.br/books/educacao-inquietacoes-teoricas-e-experiencias-pedagogicas/> Acesso em 12 jul.2025

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Representações espaciais e sociais da fé e da religiosidade popular no Triângulo Mineiro. In: PORTUGUEZ, A. P. ARAÚJO, L. F. de. *Fé, território e sociedade: debates interdisciplinares sobre a religiosidade popular brasileira*. Ituiutaba: Barlavento, 2024, p. 89-121. Disponível em: <https://editorabarlavento.com.br/?s=f%C3%A9+territ%C3%B3rio+e+sociedade> Acesso em 12 jul.2025

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. *Espaço e cultura na religiosidade afro-brasileira*. 2 ed. Ituiutaba: Barlavento, 2023. Disponível em <https://editorabarlavento.com.br/?pag=detalhes&id=45> Acesso em 12 jul. 2025.

ROCHA, Rosa Margarida Carvalho. A pedagogia da tradição: as dimensões do ensinar e do aprender no cotidiano das comunidades afro-brasileiras. *Paideia*. Belo Horizonte: Fumec, 2011. p. 31-52. Disponível em <https://revista.fumec.br/index.php/paideia/article/view/1308> Acesso em 12 jul.2025

TRINDADE, Azoilda. Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. In: BRASIL. *Valores afro-brasileiros na Educação*. Brasília: MEC, 2005